

RINITE ATRÓFICA DOS SUÍNOS

AVANTE, Michelle Lopes

ZANGIROLAMI FILHO, Darcio

FERREIRA, Manoela Maria Gomes

ROSA, Bruna Regina Teixeira

MARTINS, Irana Silva

Acadêmicos da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da FAMED – Garça

miavante_jaú@hotmail.com

LOT, Rômulo Francis Estangari

Docente da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da FAMED - Garça

romulo_lot@hotmail.com

RESUMO

A Rinite Atrófica (RA) é uma doença infecto-contagiosa do trato respiratório superior, de evolução progressiva e crônica, caracterizada por atrofia dos cornetos nasais, desvio do septo nasal e deformidade do focinho. Tem um grande impacto econômico, devido à redução no ganho de peso e piora na conversão alimentar. Ela está disseminada por todas as principais áreas de produção de suínos no Brasil. Trata-se de uma enfermidade insidiosa, que não produz sinais clínicos evidentes e nem mortalidade.

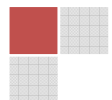
Palavra-chave: rinite atrófica, trato respiratório, suínos

Tema Central: Medicina Veterinária

ABSTRACT

The Atrophic Rhinitis is a infecto-contagious disease of the upper respiratory tract, of chronic and gradual evolution, characterized for atrophy of the nasal turbinates, nasal septum deviation and snout deformity. It has a great economic impact, due to reduction in the gain of alimentary conversion. It is spread by all the main areas of swine production in Brazil. One is about a insidious disease, that does not produce evident clinical signals and mortality.

Key-words: atrophic rhinitis, respiratory tract, swines



1. INTRODUÇÃO

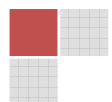
O complexo respiratório está susceptível a uma gama de agentes bacterianos e virais, alguns dos quais com importância primária e outros com importância secundária (SILVA, 2005).

A rinite atrófica é uma doença de alta transmissibilidade e enzoótica em certas regiões. Compromete animais na faixa de três a oito semanas de idade (SOBESTIANSKY *et al.*, 1999; MORÉS *et al.*, 2001).

As doenças respiratórias dos suínos nas fases de crescimento e terminação, representadas pela rinite atrófica e pelas pneumonias, são freqüentes nas criações confinadas em todo o mundo, inclusive no Brasil (MARTINS *et al.*, 1985b; SOBESTIANSKY *et al.*, 1990; DALLA COSTA *et al.*, 1999).

A transmissão primária da RA ocorre por contato, de suíno para suíno ou através de aerossóis, por via aerógena. Porcas, cronicamente infectadas, transmitem a doença às suas leitegadas, por contato nasal, durante o período de amamentação. Os leitões infectados se constituem em fonte ativa de infecção para outros suínos susceptíveis e disseminam a infecção nos reagrupamentos realizados no desmame e no início do crescimento. Os leitões infectados, nas primeiras semanas de vida, desenvolvem lesões severas e tornam-se disseminadores da infecção. Outros possíveis transmissores da RA são gatos, ratos e coelhos (SOBESTIANSKY *et al.*, 1999).

Os leitões podem se infectar em idade precoce ainda na maternidade ou creche, e as lesões geralmente são progressivas e com pouca possibilidade de resolução. Já as lesões de cornetos encontradas ao abate são representativas da ocorrência da doença em qualquer idade (MORÉS *et al.*, 2001). A deformação das estruturas nasais modifica o fluxo de ar inspirado por meio das fossas nasais, a qual elimina a barreira



protetora física e permite que as partículas suspensas no ar entrem no aparelho respiratório, causando sérios problemas (SILVA, 2005; DALLA COSTA *et al.*, 1999).

Além da redução no desempenho dos animais, as doenças respiratórias provocam aumento da mortalidade, custos com tratamentos, vacinações e condenações de carcaças nos abatedouros (BRITO *et al.*, 1993).

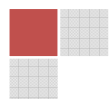
Este trabalho teve como objetivo estudar as causas da rinite atrófica e avaliar os métodos de prevenção e tratamento dos animais enfermos, para que possam ter uma qualidade de vida melhor.

2. CONTEÚDO

Embora a RA seja considerada uma doença multifatorial, a *Bordetella bronchiseptica*, a *Pasteurella multocida* tipo D e, mais raramente, a tipo A, produtoras de toxina dermonecróticas, são incriminadas como agentes primários. Alguns autores são da opinião que a *B. bronchiseptica* causa apenas RA regressiva, enquanto que a *P. multocida* provoca RA progressiva. No entanto, não há dúvida que existe um sinergismo entre essas duas bactérias, já que a *P. multocida* agrava as lesões em suínos previamente infectados com a *B. bronchiseptica* (SOBESTIANSKY *et al.*, 1999; SILVA, 2005).

Essas bactérias aderem fortemente às células da mucosa nasal, multiplicam-se e produzem a toxina capaz de causar perda parcial dos ossos das conchas nasais. Isto ocorre duas a três semanas após a infecção (BRITO *et al.*, 1993).

Os primeiros sintomas são observados em leitões lactantes. Inicialmente ocorrem espirros, corrimento nasal mucoso e formação de placas escuras nos ângulos internos dos olhos (devido à obstrução do canal lacrimal). Posteriormente, há desvio do focinho para um dos lados e/ou encurtamento do mesmo, com formação de pregas na pele que o recobre e, nos casos mais graves, ocorre sangramento nasal intermitente, associado



aos acessos de espirros. Essa fase, geralmente, é observada em fim de recria e na terminação (SOBESTIANSKY *et al.*, 1999; MARTINS *et al.*, 1985b).

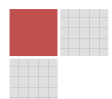
Pode aparecer braquignatia superior, mas esse sinal, em algumas linhagens de suínos, principalmente da raça Large White, pode ter origem genética. Os leitões afetados tendem a apresentar retardo na taxa de crescimento (em média de 5-10%), com prejuízo na conversão alimentar (SOBESTIANSKY *et al.*, 1990).

O diagnóstico clínico é realizado mais facilmente em leitões a partir de cinco semanas de idade. O definitivo deve ser feito pelo exame das conchas nasais de leitões, com cinco a dez semanas de idade, ou de animais enviados aos frigoríficos. É aconselhável o exame de, pelo menos, 20 animais, provenientes de várias leitegadas (BRITO *et al.*, 1993).

O material para exame laboratorial deve ser colhido de leitões jovens, entre cinco e dez semanas de idade, que não tenham sido medicados com antibióticos nas últimas duas ou três semanas. Colhe-se material da cavidade nasal de leitões vivos, com auxílio de swab estéril. De leitões necropsiados coletam-se as amídalas. Pode-se também usar exames sorológicos (teste de ELISA), para pesquisa de anticorpos para a toxina dermonecrótica (BRITO *et al.*, 1993; SOBESTIANSKY *et al.*, 1999).

Provavelmente a melhor forma de evitar problemas respiratórios graves é manter o ambiente onde os suínos são criados o mais livre possível de estresse imunológico, social e nutricional, relacionados com as transferências dos leitões de uma instalação para outra (desmame – creche – crescimento – terminação), que propicia o aparecimento dos sintomas respiratórios (SILVA, 2005).

Dentre os fatores preponderantes na difusão das patologias respiratórias, considera-se a disposição das instalações, tipos de galpões, sistemas de ventilação em locais fechados ou a circulação de ar em locais abertos. Outros fatores que agrava a RA é a utilização do sistema contínuo de produção, excesso dos gases amônia (>10ppm) e carbônico (>1000ppm), ventilação inadequada, amplitude térmica diária maior que 8°C, umidade relativa do ar <65% ou >73%, excesso de moscas nas



instalações, superlotação (menos que $1\text{m}^2/\text{animal}$), mistura de animais de diferentes fases de criação, presença de altos níveis de poeira e volume de ar menor que $3\text{m}^3/\text{animal}$ (SOBESTIANSKY *et al.*, 1999).

As perdas econômicas decorrentes dos problemas respiratórios são bastante sérias e recaem tanto sobre os produtores como sobre a indústria. Sobre os primeiros, em consequência dos gastos com medicamentos, redução do desenvolvimento corporal dos animais afetados e mortalidade. Sobre a indústria, pela condenação de carcaças, especialmente no caso da pleuropneumonia (SILVA, 2005).

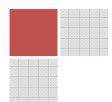
Uma vez que o rebanho foi infectado, a erradicação só é possível pela eliminação total do rebanho e repovoamento com animais livres ou por desmame ultraprecoce medicado e segregado. Então, para conviver com a doença em níveis que não acarretem prejuízos acentuados, várias medidas de controle podem ser implantadas, começando pelo bom manejo, higiene e sanidade; instituir esquema de tratamento terapêuticos como as sulfas, as tetraciclinas, as quinolonas e a tiamulina; que são usadas juntamente a ração, em tratamentos durante 15 a 20 dias (BRITO *et al.*, 1993).

Como prevenção pode-se utilizar dos medicamentos nas porcas, por 7 dias antes e 15 após o parto dos leitões, por um período de 35 dias. Já o esquema de vacinação tem dado bons resultados. Há o programa de vacinas das leitoas (duas doses: aos 60 e aos 90 dias de gestação) e porcas (uma dose: uma dose aos 100 dias de gestação) e dos leitões, aos 7 e 28 dias de idade (SILVA, 2005).

Após 6 meses, avaliar os efeitos das medidas adotadas, e se preciso definir novas estratégias (SOBESTIANSKY *et al.*, 1999).

3. CONCLUSÃO

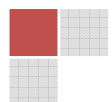
A Renite Atrófica é uma enfermidade grave, que produz perdas econômicas consideráveis, porém existem formas de prevenção e até mesmo de manutenção em



casos não tão severos. Medidas como higiene, sanidade do local, e ambiente adequado são providências que levam um bom resultado, evitando que a doença se agrave e que cause prejuízos no rebanho pelo crescimento insatisfatório dos animais.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRITO, J. R. F., PIFFER, I. A., BRITO, M. A. V. P., EMBRAPA - Rinite atrófica dos suínos, Ano II – N.7 – Periódico técnico-informativo elaborado pela EMBRAPA–CNPSA, Abril/1993.
2. BRITO, J.R.F., PIFFER, I.A., BRITO, M.A.V.P. et al. Formulação de um índice (IRA) para aplicação na caracterização de rebanhos com rinite atrófica. Concórdia: EMBRAPA-CNPSA, p.5, 1990.
3. DALLA COSTA, O.A., MORES, N., SOBESTIANSKY, J. et al. Estudos ecopatológicos nas fases de crescimento e terminação: fatores de risco associados à rinite atrófica progressiva e a pneumonias. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE VETERINÁRIOS ESPECIALISTAS EM SUÍNOS, 9, 1999, Belo Horizonte. *Anais...*Concórdia: EMBRAPA-CNPSA, p.169-170, 1999.
4. MARTINS, E., SCARSI, R.M., BRITO, J.R.F. et al. Rinite atrófica dos suínos: Estudos morfológicos e relação das alterações nasais com pneumonia. In: Congresso Latino de Veterinários Especialistas em Suínos, 2, 1985, Rio de Janeiro. *Anais ...* Concórdia: EMBRAPA-CNPSA, São Paulo: Gessulli Editores, p.101, 1985b.
5. MARTINS, E., SCARSI, R.M., PIFFER, I.A. Classificação macroscópica dos graus de atrofia dos cornetos na rinite atrófica dos suínos. Concórdia: EMBRAPA-CNPSA, 3p. (EMBRAPA-CNPSA. Comunicado Técnico, 93), 1985a.
6. MORÉS, N., BARIONI JUNIOR, W., SOBESTANSKY, J., et al., Estimativa dos índices de pneumonia, pela tosse, e de rinite atrófica, por espirros, em suínos. 2001.



7. PIFFER, I.A., BRITO, J.R.F. Descrição de um modelo para avaliação e quantificação de lesões pulmonares de suínos e formulação de um índice para classificação de rebanhos. Concórdia: EMBRAPA/CNPISA, p.16, 1991.
8. SILVA, A. F., Doenças Respiratórias, Médico Veterinário – Coopers Brasil Ltda, afsamilton@zipmail.com.br, 2005.
9. SOBESTIANSKY, J.; BARCELLOS, D.; MORES, N., *et al.*, Clínica e Patología Suína, 2. ed., p. 374–378, 1999.
10. SOBESTIANSKY, J., PIFFER, I.A., FREITAS, A.R. Prevalência de rinite atrófica e de pneumonia em granjas associadas a sistemas de integração de suínos do Estado de Santa Catarina. *Pesq. Vet. Bras.*, v.10, p. 23-26, 1990.

